

HUASIPUNGO: A OPRESSÃO RECRUDESCE SOB OS DESÍGNIOS DA POLÍTICA E RELIGIÃO BRANCA¹

HUASIPUNGO: OPPRESSION IS INCREASED UNDER THE DESIGNS OF POLITICS AND WHITE RELIGION

Luciana Ferrari Montemezzo²

Elaine dos Santos³

Sirlei Lopes Vidal⁴

RESUMO: Os povos pré-colombianos receberam o colonizador europeu de modo cordato, porém, sob o influxo da pólvora e da religião, eles foram mortos, oprimidos, humilhados. Desenvolveu-se, em solo americano, uma cultura branca dominante que relegou o descendente do aborígine às condições de miséria, de condição subalterna e sub-humana. Ler *Huasipungo*, de Icaza, é reencontrar, no Equador do século XX, o mesmo ambiente, a mesma opressão, o mesmo descaso com a raça humana em que, passados mais de quinhentos anos, aqueles que não descendem diretamente do homem branco não merecem o *status* cidadão, o respeito, a dignidade que foi sonhada aos seus antepassados incas.

Palavras-chave: Literatura indigenista, dominação social, *Huasipungo*.

ABSTRACT: The pre-Columbians received the European colonizer in a gentle way. However, due to the influence of the gunpowder and religion, they were killed, oppressed and humiliated. Since then, in the American territory, it was possible to see a dominant white culture which relegated the descendants of Indians to conditions of poverty and to subaltern and sub-human conditions, as well. By reading *Huasipungo*, by Icaza, it is possible to rediscover, in the Ecuador of the twentieth century, the same environment, the same oppression, the same disregard for the human race, in which, after more than five hundred years, those who do not directly descend from the white man do not deserve the status of a citizen, not even the respect and dignity that has been withheld to their Inca ancestors.

KEYWORDS: Indianist literature, social domination, *Huasipungo*.

¹ O artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso de Sirlei Lopes Vidal, orientado pela Prof. Dra. Luciana Montemezzo e co-orientado pela professora Elaine dos Santos, doutoranda vinculada ao PPGL/UFSM.

² Professora Doutora em Teoria e História Literária. UNICAMP/2008. Docente do Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Doutoranda em Estudos Literários. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista REUNI.

⁴ Professora licenciada em Letras-Espanhol. Universidade Federal de Santa Maria

Introdução

Apresenta-se, a seguir, um estudo de *Huasipungo* (1934), romance de Jorge Icaza (1906-1978), atentando-se para a questão da manipulação religiosa expressa pela narrativa e que, do ponto de vista histórico, marca o processo de dominação e exploração do indígena na América Latina. Opta-se pelo termo indígena ou índio para referir-se ao indivíduo pertencente aos povos pré-colombianos, que habitavam o continente antes da chegada de Colombo, incluindo-se também os seus descendentes, ressaltando-se casos de mestiçagem, em que se adotará o termo mestiço.

Inicialmente, faz-se a contextualização histórica da América pré-colombiana, sua colonização e o panorama da literatura equatoriana, passando-se, em continuidade, às considerações sobre a obra.

A Colonização da América

Dentre os povos que habitavam a região encontrada por Cristóvão Colombo, três se destacam pelo grau de desenvolvimento alcançado: incas, maias e astecas. Sua origem, para a maioria dos estudiosos, vincula-se às nações do hemisfério norte que, de formas diversas, aportaram o continente americano. Bueno (2007, p. 15) defende que a “ocupação do continente” deu-se por “povos nômades vindos da Ásia, através do Estreito de Bering (...), talvez por volta de 40 mil anos atrás”. Peregalli (1994, p. 17) que admite a origem asiática, registra a possibilidade de “que uma corrente polinésia tivesse alcançado a ilha de Páscoa, no Chile, ou as costas da Colômbia (...)”.

Os europeus, ao chegarem ao território, encontraram os incas, cujo império estendia-se pela Cordilheira dos Andes, desde o atual Equador até parte do Chile, em que se mesclavam povos de diferentes civilizações integradas militarmente e centralizadas em um esquema de unificação, embora cada povo conquistado mantivesse, por exemplo, a sua vocação econômica.

A gênese inca, conforme a tradição, viria de “oito, ‘filhos do sol’, [que] saíram de um conjunto de cavernas, existente a 8 léguas da cidade de Cuzco, iniciando uma migração à procura de terras férteis” (PEREGALLI, 1994, p. 57). Depois de alguns anos, Ayac-Manco e sua irmã Mama Oella, os únicos sobreviventes, chegaram ao vale de Cuzco, casaram-se e deram início à dinastia de Manco-Capac. Os últimos descendentes a postular o reino teriam sido Huascar e Atahualpa que submeteram o império a uma guerra civil. Junto com as notícias da vitória de Atahualpa chegaram outras, de estranhos homens de quatro patas que penetravam pelos limites norte do Império: era a Cavalaria de Pizarro (PEREGALLI, 1994).

No auge de sua expansão territorial, o Império Inca teria “imposto a 15 milhões de pessoas a mesma língua, a mesma cultura, a mesma religião (ainda que respeitando os Deuses locais, considerados secundários) e um Estado centralizado” (PEREGALLI, 1994, p. 51), valendo-se, na conquista, de diferentes meios como a violência, a coerção, o convencimento ideológico, os sistemas de reféns e a religião.

A agricultura era a base econômica, com um desenvolvido método de irrigação, que aumentava a produtividade; criavam a llama, o guanaco e a alpaca. De la Vega (1991) afirma que os metais preciosos, em quantidade, eram como presentes dados pelos indígenas ao Inca.

Para controlar e administrar os dados, o Império adotava os *quipus*, “cordões aos quais eram amarrados uma multiplicidade de cordõezinhos, onde se faziam diferentes tipos de nós, como sinais” (PEREGALLI, 1994, p.64), sendo-lhe possível registrar a quantidade de habitantes, por sexo e faixa etária, e administrar as necessidades de alimentos, mão de obra.

A cosmovisão incaica era politeísta, baseada no dualismo entre o bem e o mal e no culto às forças da natureza, tendo o Sol como um deus, sendo que, no processo de dominação, a “ideologia transmitida pelos incas aos povos submetidos referia-se ao soberano como filho do Sol, que lhe outorgava proteção divina e assegurava a ordem social” (PEREGALLI, 1994, p.49).

Ressalve-se que o Império Inca não era um “paraíso perdido”, ali, existia dominação e exploração das comunidades para manter o Estado, que lhes garantia alimentação e proteção em relação aos inimigos. A chegada do colonizador destruiu a possibilidade de desenvolvimento autônomo dessas civilizações que, em muitos aspectos, superava a sociedade de além-mar.

Expansão Marítima da Europa

O Oceano Atlântico, durante séculos, manteve-se desconhecido para os navegadores, além das diferentes lendas, existiam perigos reais como ventos, correntes marítimas, sol forte. Os navegadores careciam de equipamentos adequados para navegação, de embarcações, de conhecimentos náuticos e astronômicos mais aprofundados. Essas limitações foram sendo vencidas com a troca de conhecimentos entre os povos e a necessidade de encontrar soluções para tais dificuldades.

Em 1453, os turcos otomanos tomaram Constantinopla, capital do Império Romano do Oriente (BUENO, 2007), passando a administrá-la o sultão Maomé II, que realizou acordos comerciais com genoveses e florentinos, os quais “obtiveram o monopólio do tráfico de especiarias para a Europa. E assim, a pimenta, o cravo e a canela – que ocupavam lugar de destaque na economia europeia” (BUENO, 2007, p. 45) – passaram a ser comercializados por valores elevadíssimos, o que motivou os portugueses a buscarem uma rota, contornando o continente africano, para chegar à Índia e obterem especiarias, sedas e porcelanas.

O navegador genovês Cristóvão Colombo apresentou-se ao imperador português propondo-lhe uma rota alternativa para as Índias, navegando rumo ao oeste. Rechaçado em Portugal, dirigiu-se ao reis de Aragão, Fernando e Isabel, granjeando a simpatia da soberana.

Em 1492, concluiu-se a Reconquista, pela expulsão dos árabes, contando-se com apoio financeiro do Papa Alexandre VI e Colombo chegou a América convencido de ter chegado à Índia. Isabel cumpriu sua promessa: reconquistou Espanha e expandiu a fé católica.

La legitimidad del imperio americano de España se fundó no sólo en los ‘derechos de conquista’, sino también en una serie de bulas papales que dividieron el mundo colonial entre España y Portugal. Protegido por Fernando e Isabel, el papa español, Alejandro VI (...), había, más o menos, comprado su solio pontifical y una vez en él dedicó muchas horas a promover las fortunas de sus bastardos, Lucrecia y César

Borgia. Pero le sobró tiempo para atender a sus patrones reales.
(FUENTES, 1992, p. 168)

O “descobrimento” das terras americanas determinou uma nova ordem global e a América, com a chegada dos europeus, passou a existir na história e na geografia mundial.

Conquista e Colonização da América

O contato entre colonizador e colonizado foi marcado pelo choque cultural, acompanhado por preconceito e intolerância espanhola em relação aos costumes ameríndios. Seguidores do Cristianismo, os colonizadores enfrentaram e subjugaram os indígenas politeístas. Na prática, para o colonizador, tudo o que fosse diferente do Cristianismo ou ameaçasse os interesses de expansão e dominação deveria ser perseguido sob o argumento de que se achava vinculado ao mal. Acresça-se, ainda, que a identidade dos povos pré-colombianos foi, paulatinamente, desvirtuada em face da castelhanização que se processou no chamado “Novo Mundo”.

Muitas tribos foram dizimadas, como o foram no processo expansionista dos povos pré-colombianos, mas nada pode ser comparado ao desastre demográfico causado pela sede imperial por riquezas, sob a proteção da Igreja Católica. Ressalve-se que, em muitos casos, os povos pré-colombianos, como os incas, não demonstraram resistência ao conquistador. Atahualpa, por exemplo, último imperador inca, recebeu Pizarro de forma cordata, motivado pela profecia de pai, acreditando estar frente aos mensageiros de seu Deus Viracocha. Pizarro manteve Atahualpa como seu prisioneiro e prometeu dar-lhe liberdade, mas em troca exigiu ouro, “apesar da entrega do metal precioso, o imperador é queimado na fogueira” (PEREGALLI, 1994, 81).

Equador: Considerações Históricas e Literárias

As comunidades indígenas do atual Equador estavam bem estruturadas e em expansão quando foram conquistadas pelo Império Inca, no século XV. À época, existiam distintas comunidades com características culturais e linguísticas próprias. Os espanhóis, por sua vez, derrotaram os exércitos incas e iniciaram a colonização, dizimando comunidades pelo contágio de doenças ou pelo uso da pólvora. Implantaram o sistema de *encomienda* e a catequização, em geral, feita em quíchua. Assim sendo, os missionários foram, sem intenção, os que mais trabalharam pela expansão da língua de Cuzco.

A independência política do Equador iniciou-se, em 1822, quando as forças locais venceram o exército monárquico e juntaram-se a república fundada por Simon Bolívar, a Gran-Colombia, separando-se dela em 1830.

Deve-se observar que as comunidades indígenas equatorianas, antes da chegada de incas e de espanhóis, já viviam sob o poder de caciques, obrigando-as a prestar serviços e a pagar tributos, obedecendo fielmente ao soberano. Essa cultura de servidão facilitou a dominação espanhola, agravando-se em virtude da cultura econômica feudalista e do estabelecimento de um sistema de hierarquia baseado na segregação racial.

A divisão social influenciou também as relações de poder e de trabalho. Por muito tempo, o acesso à educação, à ocupação de cargos públicos e ao sacerdócio era exclusividade das famílias brancas. Os trabalhos eram executados pelos indígenas, em condições de miséria e escravidão, de modo que sociedade equatoriana caracterizou-se pela consagração das desigualdades sociais e pela manutenção de um sistema de dominação que garantia sua imutabilidade.

Do ponto de vista econômico, o país apresentou épocas de desenvolvimento com a produção têxtil, em parte dos séculos XVI e XVII; a produção de cacau, no final do século XIX; e a produção de banana, em meados do século XX, mas, conforme Hurtado (2007, p.10), “el país fue pobre y atrasado hasta cuando fueron descubiertos los yacimientos de petróleo en la selva amazónica y se inició su exportación en 1972”. Porém, as décadas de oitenta e noventa do século XX foram de crise, e a economia voltou a crescer no início do século XXI em razão da estabilidade trazida pela dolarização, pelo aumento da exportação de petróleo e a sua valorização no cenário internacional (HURTADO, 2007).

Do ponto de vista político, no final do século XIX, iniciou-se a Revolução Liberal, que fez importantes reformas legais, como a diminuição do poder da Igreja Católica, havendo, ainda, a preocupação em corrigir as injustiças sociais, principalmente em relação aos indígenas.

Las leyes que expidieron separaron la Iglesia del Estado, a cuya autoridad la subordinaron, consagraron el laicismo en la educación (...), reconocieran la libertad de conciencia y de cultos, determinaron que las creencias religiosas no condicionaban el ejercicio de derechos políticos y civiles, prohibiendo que los eclesiásticos accedieran a funciones públicas, eliminaron sus fueros y privilegios y confiscaron las haciendas de las comunidades religiosas. (HURTADO, 2007, p. 141-142)

No início do século XX, o país sob o domínio liberal, estruturou o sistema de comunicação e transportes, recebeu capital estrangeiro e muitos imigrantes, “elementos portadores de progreso de los que el Ecuador había carecido” (HURTADO, 2007, p. 145).

No mesmo período, a literatura também se renovou, os intelectuais buscaram novas maneiras para representar o meio social. Esse grupo recebeu a designação de *Generación de los 30*, referência a década de 1930, quando começaram a surgir suas obras, marcadas pelo impacto da violência social e da fome. Trata-se, pois, de uma literatura realista, que deu origem à literatura indigenista.

De suerte que, cuando irrumpieron en la vida nacional las primeras generaciones de extracción popular educadas bajo el régimen liberal, se encontraron marginadas dentro de una sociedad inelástica, no preparada para ubicarles de acuerdo con sus aspiraciones. De ahí su actitud de protesta y sus manifestaciones intelectuales revolucionarias, durante el período que va de 1925 a 1950, fecha aproximada a partir de cual la clase media, incorpora ya la estructura del poder, entra en una etapa de aburguesamiento. (CUEVA, 1986, p.70-71)

A *Generación de los 30* propôs a ruptura e a independência em relação ao fazer literário europeu; voltou-se para a representação da realidade local e seus problemas

sociais; primou pela utilização da linguagem coloquial. Sua temática centrou-se na questão indígena e no trauma da mestiçagem, que se faziam presentes no país. Para Herreros (1993), Icaza é o mais típico representante da literatura indigenista equatoriana e *Huasipungo*, a obra que marca a transição da literatura indianista (romântica) à literatura indigenista (realista).

Huasipungo

Para Herreros (1993, p.6), *Huasipungo* “representa la gesta trágica del indio explotado, que acaba revelándose al grito de ‘el huasipungo es nuestro’, es decir, la parcela, ‘la tierra que trabajamos es nuestra’, y cae víctima de la represión estatal”. O romance possui uma narrativa linear e cinematográfica e para, criar esse efeito, Icaza valeu-se de um recurso “de técnica narrativa de guión teatral o cinematográfico” (HERREROS, 1993, p. 12), havendo mais de seiscentas vezes em que partes da narração aparecem entre parênteses, descrevendo-se a paisagem, as personagens, introduzindo-se esclarecimentos, de forma paralela a narrativa principal: “su matéria narrativa está dividida en veinticinco pequeños episodios, reconocibles solamente por la disposición tipográfica del texto. Efectivamente, estamos ante una novela episódica” (CORRALES, 1994, p. 29). O ambiente narrativo é tenso, caótico, miserável e apresenta personagens animalizados em virtude da exploração sofrida diariamente.

O romance, escrito em espanhol, traz elementos da língua quíchua, sendo, portanto, praticamente um texto bilíngue. Segundo Herreros (1993, p.9), Icaza

funda el uso del quechua (el quechua de Ecuador) y el castellano en un ‘sensu’ narrativo común – más que híbrido – sino que a las dos fuentes lingüísticas las somete al mismo tratamiento estético y constituyen en él un solo instrumento narrativo.

A cultura quíchua é, pois, representada, principalmente, por meio dos elementos lingüísticos. Ademais, a representação dos indígenas demonstra o quanto a identidade e a cultura quíchua foram alteradas pela dominação e colonização espanhola. Os indígenas, embora cristianizados, apresentam crenças fragmentadas, marcadas pelo sincretismo, sua religiosidade foi reprimida pela cosmovisão cristã e o resultado é um indivíduo inseguro, com um sentimento de inferioridade e impotência. Entende-se, neste caso, que o uso do quíchua não se restringe a caracterizar um grupo, mas é uma forma de valorizar elementos culturais de um povo ignorado pelas massas dominantes, assim como o é, principalmente, a expressão da ruptura com os padrões tradicionais de escrita literária. De fato, a não ruptura de Icaza com o tradicional fazer literário seria uma traição ao personagem e ao leitor, que são os motivos da existência da obra. Se Icaza tivesse se preocupado em escrever, cuidadosamente, com a linguagem literária cristalizada no uso tradicional, teria provado que havia aprendido bem a lição eurocêntrica, mas não contemplaria expressar de igual maneira a tragédia do índio.

A narrativa inicia-se em Quito, mas se desenvolve em *Cuchitambo*, a fazenda de Don Alfonso Pereira, que se encontra diante de dois problemas: está endividado e sua filha, solteira, está grávida de um *cholo*, um mestiço. Tais problemas “necesitaban solución urgente: el uno para seguir viviendo, y el outro para conservar la apariencia de honestidad y el honor de la familia” (CORRALES, 1994, p. 25). Para resolver-los,

muda-se com a família para sua fazenda onde, com a ajuda financeira de seu tio, seu maior credor, realizaria melhorias estruturais, desocupando os *huasipungos* e comprando áreas necessárias para favorecer o desenvolvimento do projeto milionário proposto pelo tio: trata-se de uma parceria com o norte-americano, Mr. Chapy, para exploração da madeira, mas que, na verdade, era uma preparação para explorar petróleo.

As melhorias foram feitas à custa da exploração e do sacrifício dos indígenas, “cualquiera resistencia que ellos hubieran podido ofrecer, ha sido evitada a tiempo por el señor cura, ‘santo varón’, encargado de convencerles de que se sacrifiquen en aras del progreso y de la salvación eterna” (CUEVA, 1986, p. 82). Em nome de Deus e do progresso nacional foram organizadas as “mingas”, denominação equatoriana para trabalho coletivo e gratuito dos indígenas. Corrales (1994, p.26) assinala:

El indeciso, poco inteligente y oportunista caballero, ve en estos proyectos la feliz tabla salvadora. Irá a la hacienda; se llevará a su mujer y a su hija para que allí, secretamente, ésta dé la luz, y después hacer creer a la sociedad que la criatura recién nacida no es de su hija, sino de ña Blanquita, su esposa. La solución parece brillante y quedará concluida hacia la mitad de la novela; ya no se volverá a decir una palabra del asunto.

O segundo problema, financeiro, resolver-se-á após as melhorias exigidas pelo tio e pelos investidores estrangeiros, mas a solução se divide em outros três problemas: a construção da estrada, a compra de outras terras e a expulsão dos *huasipungueiros*.

La construcción de la carretera se realiza a base de buenas palabras, coacción, alcohol y látigo. La expulsión de los indios de sus huasipungos la ejecuta la naturaleza: una tremenda riada ocasionada por las tormentas arrastra los huasipungos de la orilla del río, y deja a sus habitantes sin techo, abandonados a su destino. (CORRALES, 1994, p.26)

O espaço narrativo, por seu turno, é caracterizado como um lugar frio, em que chove constantemente, marcado por um odor onipresente: a podridão.

Por el valle y por la aldea el hambre - solapada e inclemente - flagelaba a las gentes de las casas, de las chozas y de los huasipungos. No era el hambre de los rebeldes que se dejan morir. Era el hambre de los esclavos que se dejan matar saboreando la amargura de la impotencia. No era el hambre de los desocupados. Era el hambre que maldice en el trabajo agotador. (1934, p. 223)

Os indígenas vivem como escravos e em uma relação de dependência com os latifundiários, por causa do sistema de *huasipungos* e, em virtude dessa dependência, em épocas de crise, precisam receber os *socorros* fornecidos pelo latifundiário, caso o *socorro* seja negado, passam a viver em uma situação de miséria e de fome “aguda”:

Hambre, que rasgaba obstinadamente un aire como queja y llantos en los costillares de los niños y de los perros. Hambre que trataba de curarse con el hurto, con la mendicidad, con la prostitución. Hambre que exhibía a diarios grandes y pequeños cuadros de sórdidos colores y

rostros de palidez biliosa, criminal. Hambre en las tripas, en el estómago, en el corazón, en la garganta, en la saliva, en los dientes, en la lengua, en los labios, en los ojos, en los dedos. (1934, p. 224)

Acrescente-se que, na tessitura narrativa, os indígenas são introduzidos apenas no segundo episódio com a chegada da família Pereira ao povoado de *Tomachi*, próximo a sua fazenda, *Cuchitambo*. A família chega de trem a “una pequeña estación perdida en la cordillera, donde esperaban indios y caballos” (1934, p. 72), reduplicando-se, no texto, o fato histórico: os indígenas passam a existir com a chegada do branco.

Neste particular, os personagens em *Huasipungo* podem ser divididos em três grupos: o europeu, o *cholo* (mestiço) e o indígena. O europeu ocupa cargos políticos, eclesiásticos, militares ou é latifundiário. Os *cholos* desempenham atividades comerciais e ocupam cargos subalternos, como o *mayordomo* Policarpio, vivendo em uma situação tão miserável quanto os índios, em um conflito de identidade, em que negam sua origem indígena.

O latifundiário e o padre, além do poder (político e social) que possuem na sociedade, são considerados, pelos indígenas, como representantes diretos de Deus e, por meio dessa imagem, conseguem manipular, dominar e explorar os indígenas “el patrón de omnipotencia de *Taita Dios*” (1934, p. 113). Os índios são tratados como escravos, são humilhados e explorados pelo latifundiário e pela igreja, e reprimidos pelo estado “el indio de *Huasipungo* ha llegado a tal estado de postración que en su interior todo, arriba y abajo, se ha aliado y conspira contra él” (CORRALES, 1994, p. 27). As mulheres índias são objetos de trabalho e de satisfação sexual, tomadas como “*hembras*”, a proporcionar prazer ao homem

acostumbrado desde muchacho a ver y comprobar que todas las indias servicias de las haciendas eran atropelladas, violadas y desfloradas así no más por los patrones. Él era un patrón grande, su mercé. Era dueño de todo, de la india también (1934, p. 132).

Destaque-se, ademais, que, para os latifundiários e para os mestiços, os indígenas são preguiçosos, argumento que justifica a situação de miséria e os castigos impostos, posto que devem ser ensinados – torturados – e “para conocer y dominar a látigo, a garrote, a bala, la sinvergüencería y la vagancia de los indios.” (1934, p. 91), situação que recebe a anuência do padre. Neste aspecto, Sacoto (199, p. 114) assevera: “hay una tremenda crítica con relación a la iglesia, puesto que sus ministros ajenos a su misión evangélica están más preocupados por sus ingresos económicos y por una vida más bien placentera”, complementando que são uma série de fatores que se acumularam ao longo da história e que se manifestam por meio de “creencias llenas de superstición, ritualismo, ajenas en muchos casos a la iglesia católica, la cual es presentada más bien como una religión de premios y de castigos”. (SACOTO, 1998, p. 114). O interesse econômico do sacerdote parece evidente:

-Bueno. Son más de quinientos a los cuales, gracias a mi paciencia, a mi fe, a mis consejos y a mis amenazas, he logrado hacerles entrar por el camino del señor. Ahora se hallan listos a... - iba a decir: ‘a la venta’, pero le pareció muy duro el término y, luego de una pequeña vacilación, continuó - ...al trabajo. Ve usted. Los largos le salen baratísimo, casi regalados. 1934, p.95)

Assim como se faz presente no momento em que tenta vender o túmulo mais caro para Andrés enterrar sua esposa Cunshi e, para isso, vale-se da fé e da ingenuidade do indígena:

Andrés, en cambio, casi a la misma hora que sus amigos y parientes se ocupaban del jachimayshay, entró en el curato del pueblo, a tratar con el párroco sobre los gastos de la misa, de los responsos y de la sepultura cristiana. (...)

-Ahora bien. Estos... Los que se entierran aquí, en las primeras filas, como están más cerca del altar mayor, más cerca de las oraciones, y desde luego más cerca de Nuestro Señor Sacramentado - el fraile se sacó el bonete con mecánico movimiento e hizo una mística reverencia de caída de ojos-, son los que van más pronto al cielo, son los que generalmente se salvan. Bueno... ¡De aquí al cielo no hay más que un pasito! Mira...Mira bien -insistió el sotanudo señalando al indio alelado, las cruces de la primera fila de tumbas, a cuyos pies crecían violentas, geranios, claveles. Luego, arrimándose plácidamente al tronco de un ciprés, continuó ponderando las excelencias de su mercadería con habilidad de verdulera:

-Hasta el ambiente es de paz, hasta el perfume es de cielo, hasta el aspecto es de bienaventuranza. Todo respira virtud. ¿No hueles?(1934, p. 249)

O latifundiário, por sua vez, quando se depara com a revolta dos indígenas, tem o apoio das forças policiais e do governo, consegue suprimi-la à base de pólvora e sangue “las balas detuvieron a los indios” (1934, p. 273), “debemos mandar las fuerzas armadas. Hablaré con mis parientes, con las autoridades. Esto se liquida a bala” (1934, p. 274). De modo que a tríade opressora mantém o sistema de exploração e elimina a chance de mudança.

Em *Huasipungo*, a manipulação religiosa é realizada pelo representante da Igreja, e opera como importante parte integrante da tríade opressora, que está unida pela manutenção do sistema de exploração. O indígena sente-se impotente frente ao sistema de repressão, fica passivo a toda violência e a miséria que vivencia, porém, quando expulso de seu *huasipungo*, se rebela em um ato desesperado para mantê-lo, contido, porém, por meio da força militar, outra parte integrante do conjunto opressor que subjugou os povos pré-colombianos.

Considerações Finais

A manipulação religiosa como um eficiente instrumento de dominação e exploração foi usada largamente ao longo da história da humanidade. Os povos nativos da América americana também se valiam desse mecanismo em sua expansão territorial, como no caso do Império Inca. No processo de dominação, levavam suas crenças, sua língua, sua cultura e seus conhecimentos aos povos conquistados, respeitavam parcialmente as crenças dos conquistados.

Com a chegada dos europeus no continente americano, iniciou-se o processo de conquista dos nativos, para tal também os colonizadores valeram-se da manipulação

ção religiosa como instrumento para dominação e exploração, porém eram culturas muito diferentes, ou seja, houve um forte choque de cosmovisões, que foi intensificado pelo etnocentrismo, preconceito e intolerância do europeu em relação ao indígena.

A Igreja Católica esteve presente desde o início do processo de conquista e de colonização, sua contribuição a estes processos foi a realização da catequização, ou seja, a cristianização dos povos nativos, importante meio de dominação, tanto quanto a pólvora, ambos usados para repressão e exploração dos povos nativos.

Icaza, em *Huasipungo* (1934), retrata o resultado de quatro séculos de exploração a que foram submetidos os indígenas. Apresenta os personagens embrutecidos e em virtude da humilhação, da exploração, da miséria e da opressão a que foram submetidos por tanto tempo. Em *Huasipungo*, os indígenas possuem uma identidade alterada, sua cosmovisão apresenta-se fragmentada e sobrevive por meio de um sincretismo, com o cristianismo, e seu idioma aparece misturado com o idioma das forças que detêm o domínio.

Esses elementos combinados com a manipulação religiosa, as ameaças de expulsão do latifundiário e a retirada dos *huasipungos*, com o apoio das autoridades políticas para reprimir qualquer revolta, colaboram para uma atitude de conformidade com a situação vivida, de modo que reduplicam, no presente da narrativa, a cordialidade com que seus antepassados receberam o dominar. *Huasipungo* constitui uma forte crítica à sociedade de sua época, uma sociedade hierarquizada por critérios étnicos, na qual as forças repressoras empregam argumentos cristãos e patrióticos para justificar a exploração e o tratamento desumano dados aos índios. Na verdade, a sociedade representada no texto reflete o comportamento dos “conquistadores” da América; que chegaram, dominaram, exploraram e se apropriaram do que pertencia aos indígenas, transformando-os em escravos e a viver de favores como o sistema de *huasipungos*. Não se trata de culpar, exclusivamente, os conquistadores por toda a miséria e o atraso sócio-econômico da América Latina, eles eram homens de seu tempo, com concepções e realidades diferentes das que temos atualmente, mas cabe reconhecer que a obra de Icaza traz a tona um universo de miserabilidade humana que apenas se coaduna com o propósito do conquistador europeu que, hoje, se repete na repressão e na miséria a que os descendentes dos povos pré-colombianos foram relegados. Neste ponto, a literatura ocupa espaço de reflexão sobre a condição humana posta em distintos contextos e que se vale de instrumentos variados para obter seus desígnios.

Referências

- BUENO, Eduardo. **Brasil: terra à vista**: a aventura ilustrada do descobrimento. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- CORRALES Pascual, Manuel. **Estudo Introdutorio, Huasipungo**, Quito: Libresa, 1994.
- CUEVA, Agustín. **Lecturas y rupturas**. Diez ensayos sociológicos sobre la literatura en Ecuador. Quito: Planeta, 1986.
- DE LA VEGA, I. G. Comentários Reales de los Incas: Madrid, Atlas, 1960. Texto pertencente **A América Latina de Colonização Espanhola**: Antologia de textos históricos/ Manoel Lelo Bellotto e Anna Maria Martinez Corrêa. São Paulo: Hucitec, 1991.
- FUENTES, Carlos. **El espejo enterrado**. México: Fondo de Cultura Económica. 1992.

HERREROS, Darío. **Introdução** – ICAZA, Jorge. Quito: Cabuyas. EDYM Relatos, 1993.

HOUAISS, Antonio. “Pluralidade lingüística”. **América Latina em sua literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

HURTADO, Osvaldo. **Las costumbres de los ecuatorianos**. Quito: Planeta, 2007.

ICAZA, Jorge. **Huasipungo**. Edición Conmemorativa. Quito: Libresa, 1906-2006.

PEREGALLI, E. **A América que os europeus encontraram**. 13. ed. São Paulo: Atual, 1994.

SACOTO, Antonio. **14 Novelas claves de la literatura ecuatoriana**. Quito: Casa de la Cultura Ecuatoriana, 1998.

Recebido: 21/03/2011

Aprovado: 10/07/2011